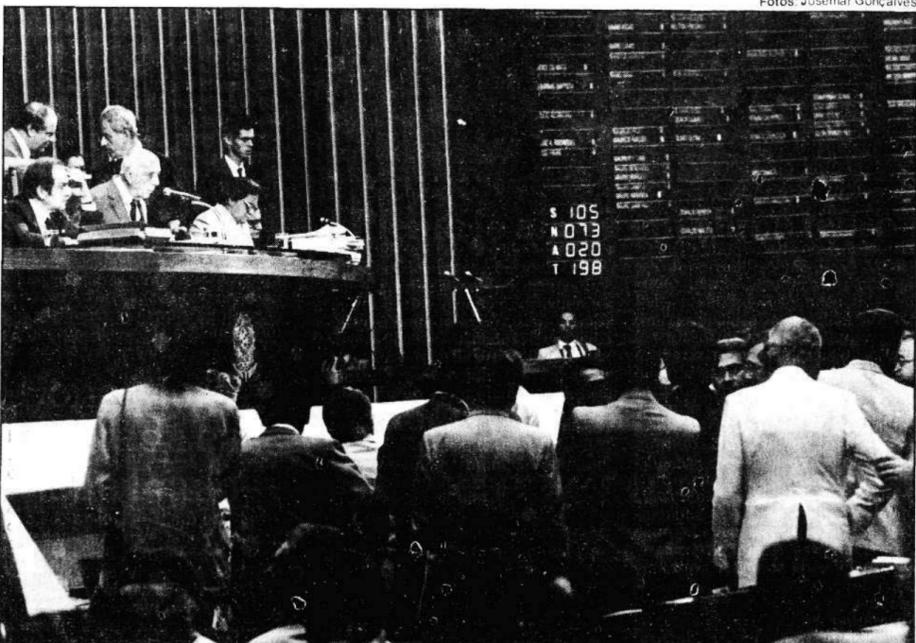


Sarney articula sucessão e estimula novo partido

Fotos: Josémar Guimarães



Com a estratégia do PFL, PDS e PTB os vários parlamentares se retiraram do plenário

Assembléia, mais uma vez, nada aprova

Dois dias depois de ter tido sua maior frequência — todos os 559 parlamentares — para a votação do sistema de governo e do mandato dos presidentes da República nas disposições permanentes, a Constituinte voltou ao seu ritmo lento. A sessão de ontem não deu quorum para a votação do destaque em separado do deputado Eduardo Bonfim (PC do B-AL), que pretende retirar do texto do projeto constitucional a exigência de aprovação de dois terços dos membros da Câmara dos Deputados para a aprovação da moção de censura individual a ministros de Estado. A sessão foi transferida para hoje, às 9h00, e também não deverá ter quorum.

Ulysses Guimarães não pareceu desanimar em seu propósito de acelerar os trabalhos da Constituinte, afirmando que telefonaria aos constituintes para tentar garantir sua presença em Brasília, convocando sessões também para segunda e terça-feiras à tarde, e quarta-feira de manhã.

No momento da votação estavam em plenário 334 constituintes, computados no painel eletrônico por causa de um pedido de verificação de quorum do deputado Gerson Peres (PDS-PA). Entretanto, apenas 198 parlamentares votaram o destaque do deputado Eduardo Bonfim, porque as lideranças do PFL, PDS e PTB orientaram suas bancadas a não votarem. A explicação oficial dos três partidos é que no plenário não havia número suficiente para garantir uma aprovação tranquila do texto do projeto que o destaque pretende retirar. Assim, sem quorum para aprovar ou rejeitar a proposição, a votação será repetida, provavelmente na sessão de terça-feira, segundo avaliação do líder do Governo, deputado Carlos Sant'Anna.

Majoria simples

A intenção do destaque do deputado Eduardo Bonfim é de retirar a expressão dois terços do parágrafo 1º do Artigo 97 do projeto, que trata do quorum exigido para a aprovação da moção de censura individual a ministros de Estado. Se for retirada, essa exigência passaria para maioria simples, o que tornaria o dispositivo "uma fábrica de crise", de acordo com o deputado Roberto Freire (PCB-PE).

Como tem feito habitualmente, a Mesa da Constituinte tem permitido um pinga-fogo informal até que o plenário tenha quorum para começar a votação. Ontem precisou um parlamentar pedir a verificação de quorum para que os constituintes viessem à sessão.

Dona Mora é operada em São Paulo

São Paulo — Durante aproximadamente três horas, ontem, Ida Almeida Guimarães, dona Mora, esposa do presidente da Câmara dos Deputados e da Constituinte, Ulysses Guimarães, foi submetida, pela manhã, a uma intervenção cirúrgica no colo do fêmur esquerdo, no hospital Sirio-Libanês, em São Paulo, onde está internada desde a tarde de quarta-feira. A operação, que teve início às 7h00 da manhã e terminou por volta das 10h30, foi comandada pelo médico Marco Martins Amatzuzi, chefe do Departamento de Ortopedia do Hospital.

O boletim médico divulgado logo a seguir informou que a operação "ocorreu sem acidentes" e a paciente, dona Mora, "passa bem". Segundo informações de funcionários do hospital, terminada a cirurgia ela foi transferida para a Unidade de Terapia Semi-Intensiva, onde permaneceu acompanhada de uma irmã e da filha, Celina. Ulysses Guimarães acompanha o estado de saúde de sua esposa por telefone, ligando de hora em hora. Até o meio da tarde de ontem ele ainda não havia chegado a São Paulo. Dona Mora foi visitada, entre outros, pelo ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro.

Constituinte fica "de férias" e o impasse continua

O deputado Milton Reis (MG), amigo pessoal do presidente Sarney, e secretário-geral do PMDB, disse ao final da sessão de ontem, que a Constituinte entrou em "férias temporárias" ao ser instalado impasse na votação do destaque Eduardo Bonfim (PC do B-AL) que pretende reduzir de dois terços para maioria absoluta — metade dos parlamentares mais um — o quorum exigido para a Câmara dos Deputados requerer moção de censura para ministro de Estado. Mas Ulysses Guimarães acredita no entendimento e convocou para a próxima terça-feira, às 11h00, reunião de líderes em seu gabinete para equacionar o problema.



Constituinte projeto de resolução que cria uma comissão revisora. Caso o deputado Ulysses Guimarães decida pelo deferimento do projeto, a comissão irá adequar o capítulo do Poder Legislativo, que estruturou o Congresso para um sistema parlamentarista, com dispositivos da emenda presidencialista do senador paraibano.

Durante reunião de lideranças na parte da manhã no gabinete do presidente da Constituinte, o deputado Milton Reis pediu inversão na pauta de votação para o destaque Eduardo Bonfim ser apreciado somente após o término do título IV da Organização dos Poderes. Ulysses ponderou que a proposta feria o regimento e o parlamentar mineiro avisou que a bancada governista somente voltará ao plenário para votar o destaque, quando obtiver quorum acima de 450 constituintes.

O líder do PMDB, senador Mário Covas, criticou esta decisão, pois para ele, "os 344 constituintes que votaram a emenda Lucena deveriam pelo menos à primeira mas agora, diante da ingovernabilidade que ela irá gerar, devem assumir a responsabilidade, a culpa e as consequências". O deputado Eduardo Bonfim, pressionado a retirar seu destaque para evitar a paralisação da Constituinte, não cedeu aos apelos.



Ulysses discorda de Milton Reis (E) e acredita no entendimento

Plenário ainda em clima tenso

O clima entre parlamentaristas e presidencialistas continua tenso, em decorrência das críticas às imperfeições da emenda aprovada na última terça-feira. Ontem, pouco depois de o senador Humberto Lucena (PMDB-PB), autor da emenda aprovada, reclamar em plenário do "tom ofensivo" dessas críticas, o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA) e a deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) envolveram-se numa discussão, fora dos microfones, em tom visivelmente irritado.

A deputada Sandra Cavalcanti perguntou a Passarinho, que votou a favor da emenda presidencialista, como poderiam ser corrigidas agora as imperfeições que tornam, segundo os parlamentaristas, o País "ingovernável". Passarinho, que foi quem mais se irritou durante a conversa, respondeu que

Covas desarticula manobra

A preocupação de não se formar no País um novo partido mais comprometido com adesões do que com sua linha programática foi manifestada ontem pelo deputado Jayme Santana (PFL-MA), durante reunião do grupo suprapartidário a favor do mandato de quatro anos, para o presidente Sarney. Depois de lembrar que o grupo está comprometido com a linha da social-democracia, Jayme observou que a própria lista de votações da última terça-feira dá um "bom parâmetro", para se saber quais as pessoas que devem ou não ser contactadas para a tentativa de formação de nova sigla.

O parlamentar chegou a lembrar, durante a reunião ocorrida ontem pela manhã, o processo de formação do PFL, quando ele alertou o líder José Lourenço (BA)

A sucessão presidencial está desencadeada e a articulação vem sendo feita no Palácio do Planalto. Sarney quer fazer seu sucessor e o novo partido, que vem sendo estimulado pelo Presidente, já tem um candidato em potencial: Aureliano Chaves, ministro das Minas e Energia e ex-vice-presidente da República. Aureliano aceitaria a disputa desde que Minas esteja "pacificada".

Ontem, depois de muito tempo sem conversar com Sarney em audiência extra-agenda, o ministro Aureliano Chaves reuniu-se com o Presidente por mais de uma hora. Da reunião participaram também os ministros Prisco Vianna, da Habitação, e Paulo Brossard, da Justiça, além do líder do Governo no Senado, Saldanha Derzi. Na pauta das conversas, o novo partido, que pretende ser imbatível nas eleições presidenciais.

O presidente Sarney está preocupado com a sucessão e tem informações de que o candidato do PDT, Leonel Brizola, foi beneficiado com o mandato de cinco anos porque terá tempo de estruturar

seu partido, que conta com diretores em pouco mais de dois mil municípios, metade da estrutura do PMDB, que atinge a quase totalidade dos municípios brasileiros.

E o novo partido, que nasce com líderes da Frente Liberal e os "crístãos novos" do PMDB, contará também com parlamentares de partidos menores, que até o momento ainda não se definiram em relação ao Governo e estão dispostos a negociar.

Forte

O ministro Aureliano admite sua candidatura, passando pela pacificação de Minas, e, principalmente, "sustentado por uma forte estrutura partidária". Na opinião do ministro das Minas e Energia, nenhum candidato à sucessão de Sarney se elegerá sem esta estrutura. E o PFL, partido do ministro, não a tem, admite Aureliano.

Com isso, qualquer possibilidade de atraí-lo para uma possível candidatura deve vir acompanhada da promessa de um partido com a estrutura do atual PMDB. (Memélia Moreira).



Aureliano: o nome do Planalto

Pefelista teme as adesões à legenda

A manobra do líder do Governo na Constituinte, deputado Carlos Sant'Anna, de tentar inverter a ordem de votação da Constituição para tentar definir, o mais rápido possível, o mandato do presidente José Sarney começou a ser desarmada ontem no plenário pelo líder Mário Covas (PMDB-SP) e pelo próprio deputado Ulysses Guimarães. A mesma tentativa foi feita pelo deputado Carlos Sant'Anna no dia 20 de setembro do ano passado, no primeiro dia de trabalhos da Comissão de Sistematização, mas não teve sucesso.

O deputado Carlos Sant'Anna quer votar, logo após aprovado o capítulo referente ao Poder Executivo, o mandato do presidente Sarney, que só será apreciado nas disposições transitórias, calculado para entrar em votação em dois meses.

Quando a Comissão de Sistematização se instalou no ano passado, através de uma questão de ordem, o líder do Governo fez a solicitação ao senador Afonso Arinos (PFL-RJ). Arinos disse que encaminharia o assunto ao deputado Ulysses Guimarães. O pedido ficou sem resposta.

Ontem o líder Mário Covas usou o microfone de apertar no plenário para indagar ao deputado Ulysses Guimarães se havia algum requerimento ou consulta verbal do líder Sant'Anna com o objetivo de inverter a ordem de votações. Ulysses respondeu que nada havia sobre o assunto, e concluiu: "Se houver, responderei com base no regimento".

Fernando Henrique propõe rompimento

O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, anunciou ontem a divulgação, na próxima semana, de um manifesto de uma expressiva parcela de seu partido, definindo-se como oposição ao Governo José Sarney, defendendo a saída dos ministros partidários e insistindo na realização de eleições presidenciais este ano. Fernando Henrique tentará neste fim-de-semana, em São Paulo, convencer o deputado Ulysses Guimarães a integrar o movimento rompendo já com o Governo.

Mesmo essa nova postura não está impedindo novas defecções no partido: o senador Teotônio Vilela Filho (AL) revelou, ontem, que após a Semana Santa deixará o PMDB em companhia dos deputados Renan Calheiros e Geraldo Bulhões. Nos próximos dias, em Macaé, ele tentará convencer todo o PMDB alagoano a se desligar do partido, inclusive o governador Fernando Collor.

Ontem pela manhã, Fernando Henrique e os deputados Euclides Scalco e José Serra conversaram, no Hotel Nacional, com o ex-governador Franco Montoro, que também está examinando a possibilidade de vir a sair do PMDB. O líder do PMDB no Senado disse, também, que há uma forte cobrança dentro do partido ao deputado Ulysses Guimarães para que rompa com o Governo, mas até o momento ele insiste em sua posição de "Manter um pé" na administração do presidente José Sarney.

Fernando Henrique, considerado um dos políticos do PMDB com melhor trânsito na área militar, alegou não dispor de informações sobre as ameaças de intervenção das Forças Armadas, noticiadas na edição de ontem do Jornal do Brasil, caso a Constituinte tivesse aprovado o parlamentarismo e o mandato presidencial de quatro anos.

"Neste assunto, eu falo em tese. Minha tese é de que não há um processo de bordaberrização no País. O Governo é que está usando os militares para atingir seus fins. Mesmo assim, os resultados das votações não se devem às pressões dos militares, mas sim ao fisiologismo descarado que repugnou a todos que encaram a atividade política com seriedade", afirmou.

Senadores já fazem oposição

Reunidos ontem num almoço, 20 dos 43 senadores do PMDB decidiram constituir-se em bloco de oposição ao governo Sarney, sob a liderança do paulista Fernando Henrique Cardoso. Mas a decisão somente deverá ser formalizada em novo encontro do grupo, convocado para o início da próxima semana. Os integrantes do bloco deverão subscrever um documento em que defendem o rompimento do PMDB com o Governo e a realização de eleições presidenciais este ano.

Preocupados com o estado de perplexidade em que se encontra o partido e com a possibilidade de reações ao bloco, os participantes do almoço de ontem acertaram que de imediato seriam evitadas entrevistas sobre a decisão que tomaram e que o anúncio oficial da formação do grupo somente será feito na próxima semana.

O senador Fernando Henrique Cardoso assegurou que o bloco "vai mesmo sair e atrairá a maioria da bancada peemedebista, de 43 membros. Além de Fernando Henrique Cardoso, participaram do almoço o líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, e os senadores Nelson Carneiro (RJ), José Fogaça (RS), Mansueto de Lavor (PE), José Richa (PR), José Inácio (ES), Aloísio Bezerra (AC), Almir Gabriel (PA), Chagas Rodrigues (PI), Jutahy Magalhães (BA), Rui Bacelar (BA), Ronan Tito (MG), Pompeu de Sousa (DF), Ronaldo Aragão (RO), Wilson Martins (MT), Mendes Canalle (MT), Nelson Vedekin (SC), Dir-

ceu Carneiro (SC) e Cid Carvalho (CE). Apesar da presença, nem todos esses senadores são considerados adesões certas ao bloco. Entre os ausentes relacionados como decididos a participar do bloco figuram o gaúcho José Paulo Bisol, o alagoano Teotônio Vilela e o paulista Severo Gomes.

Os presentes ao almoço concluíram também que o bloco tende a ter vida efêmera, podendo extinguir-se logo após a votação, pela Constituinte, da duração do mandato do presidente Sarney, ou logo depois da Convenção Nacional do PMDB, convocada para o dia 5 de junho. A expectativa é de que, aprovados cinco anos para Sarney, o PMDB fique dividido ao meio e o "racha" partidário seja oficializado na Convenção.

Reação

A decisão dos senadores de formar o bloco foi mal recebida entre parlamentares peemedebistas que estão saindo ou já saíram do PMDB com o propósito de formar novo partido. Numa reunião que 20 constituintes mantiveram ontem com Fernando Henrique Cardoso, a maioria dos peemedebistas expressou sua reação à ideia do bloco. A deputada pernambucana Cristina Tavares, que ontem comunicou seu desligamento ao líder Mário Covas, afirmou que "bloco é uma experiência superada".

A capixaba Rose de Freitas, que permanece no PMDB, considerou a ideia como fruto do "saudosismo". O mineiro Carlos Mosconi ironizou: "Bloco só de carnaval".

O deputado mineiro deixa o partido do qual já foi líder

Pimenta anuncia fim do sonho

"Enfim, o nosso sonho acabou" — disse, ontem, da tribuna da Constituinte, o ex-líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, ao expor, em nome dele e de sete outros constituintes mineiros, as razões do seu desligamento do partido, para a formação de uma nova legenda, baseada na "social democracia".

Segundo Pimenta da Veiga, ele e seus companheiros foram vencidos "pelos que desejam um partido oposto" ao PMDB que foi por eles idealizado — um partido que prometeu eleições diretas para a Presidência, que poderia, sozinho, decidir as eleições, "mas que preferiu, "mais uma vez, escamoteá-las, impedindo, em favor de alguns poucos governantes, contra o interesse de milhões de brasileiros".

O ex-líder peemedebista ressaltou que não pode culpar o presidente do partido, Ulysses

Guimarães, pela "deformação do PMDB". E acrescentou: "Se erro cometeu o dr. Ulysses, terá sido apenas um. O de amar demais o seu partido e não ter percebido que a forma de salvá-lo não seria protegê-lo pregando uma unidade falsa e impossível. Esta piedosa mentira iludiu a muitos e a si próprio, impedindo que o enfrentamento interno, saudável e indispensável, pudesse ter promovido a depuração salvadora".

Além de Pimenta da Veiga, saíram do PMDB os mineiros Carlos Mosconi, Otávio Elisio, Mauro Campos, Roberto Brandt, Ziza Valadares, Célio de Castro e Carlos Cotta. Segunda-feira, eles concederão entrevista coletiva em Belo Horizonte, ocasião em que anunciarão outras adesões à ideia do novo partido entre deputados, estaduais, prefeitos e vereadores mineiros.

Hélio Costa também sai

O deputado Hélio Costa (PMDB-MG) disse ontem que também deixará o PMDB, a exemplo de outros oito parlamentares mineiros que já anunciaram sua saída do partido.

Hélio Costa permanecerá na legenda até o final dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte. Sua decisão de permanecer este período é segundo ele, "devido a compromissos políticos assumidos anteriormente com correligionários no interior de Minas Gerais. Se eu deixar o PMDB agora, poderia ocorrer prejuízos políticos àqueles que me apoiam e que participam das próximas campanhas políticas, principalmente

te nas disputas de várias prefeituras".

O deputado diz que a principal causa da desagregação da bancada federal mineira deve-se à impossibilidade de convívio, dentro do mesmo partido, com o governador Newton Cardoso. Hélio Costa fez várias acusações ao governador, e entre elas "a de alugar a sigla do Partido Democrata Cristão (PDC), como uma forma de neutralizar o próprio PMDB".

Hélio Costa acha também que, se o governador Newton Cardoso não tiver mais condições de controle sobre o PMDB mineiro, "se transferir de armas e bagagens para o PDC".